

Dona Lia, a Matriarca de Banco da Vitória.



Obra de domínio público. Distribuição Gratuita. Todos os direitos reservados.
www.bancodavitoria.com.br 2016©

Dona Lia

A Matriarca de Banco da Vitória.

Nota do autor: Esse texto não é uma biografia oficial, nem tem esse propósito e cunho. Trata-se apenas uma narrativa simbólica, elaborada a partir de relatos da personagem principal, de oitivas de parentes e amigos e observações do autor. A publicação do texto tem autorização da personagem em voga. Portanto, é meramente informativo e ilustrativo. Use-o exclusivamente desta forma.

2

Este livreto foi escrito, editado e produzido por Roberto Carlos Rodrigues.

Agradecimentos

Para a composição deste texto foram necessárias realizar entrevistas com Dona Lia Araújo e seus familiares. A maior contribuição para a elaboração deste livreto coube a Tânia Araújo (filha de Dona Lia), que ao longo de 5 meses realizou gravações e entrevistas com sua progenitora. Se não fosse a colaboração primaz e dedicação de Tânia, por certo, este livro não teria sido escrito. É para minha amiga Tânia meu agradecimento principal e mais carinhoso.

Colaboraram também com as oitivas as seguintes pessoas: Eduardo, Edvaldo, Jorge e Tânia (esses, Oliveira Araújo), Ivone Santos, Jair Rodrigues, Dona Chica (IM), Domingos da Farinha (IM), Francisco dos Santos (Professor Chicão) (IM), Zeca Serafim (IM), Carlos Cardoso (IM) e Antônio Isaías (IM), entre outros.

Banco da Vitória, Marco de 2016.

Dona Lia

A Matriarca de Banco da Vitória.

Por Roberto Carlos Rodrigues



3

A casa é fácil de ser encontrada. Fica no número 17 na Praça Guilherme Xavier, no Centro de Banco da Vitória. Na pequena varanda, uma senhora octogenária observa a calma daquele ambiente que bem conhece como poucos. Seus olhos buscam o céu azul do lugar e suas lembranças repousam sobre todo aquele solo, paralelepípedos e sua gente trabalhadora e feliz. Dona Lia, está bela e reluzente como uma linda senhora. Ela viu aquele arruado se transformar em povoado. O povoado em vila, a vila em distrito e este em bairro de Ilhéus. Dona Lia viu muita gente nascer, viver e morrer naquele lugar. Ela é uma testemunha viva da evolução dessa comunidade ribeirinha. Dona Lia baixa lentamente os olhos e observa carinhosamente suas mãos, agora tão cansadas e frágeis. Depois sorri calmamente como quem lembra de algo bom. Levanta a vista, olha novamente as onze árvores que adornam a praça Guilherme Xavier e sorri estridentemente como uma criança alegre. Dona Lia está feliz e realizada. Ela faz parte da alma deste lugar.

Muita gente amou e ama fervorosamente o Banco da Vitória. Muita gente fez e faz muito por esta comunidade. Muitos recitam seus amores poéticos por este lugar. Contudo, ninguém contribuiu mais para o desenvolvimento da nossa comunidade do que Seu Joaquim e sua amada esposa Dona Lia.

Em parte bastante significativa, o Banco da Vitória é o que é graça as ações sociais e comerciais da família de Dona Lia (Seus pais Apolônio e Dona Menininha) e seu marido Seu Joaquim Araújo.

Se um dia incluírem o sobrenome Araújo ao nome de Banco da Vitória, a homenagem será justa e sábia. Afinal, Dona Lia e seu marido, não fizeram nada sozinhos nessa comunidade ilheense. Contudo, eles encabeçaram e lideraram muitas ações sociais que verdadeiramente revolucionaram a nossa terra.

Dona Lia chegou ao Banco da Vitória ainda menina. Aqui estudou, trabalhou, casou e graças a Deus vive até hoje. Em Banco da Vitória sua família fincou raízes profundas e ajudou a construir grande parte da nossa estrutura social.

Em Banco da Vitória os Oliveira e Araújo trabalharam e prosperaram. Aqui empreenderam em diversos negócios, construíram dezenas de casas, ajudaram muita gente e ao contrário de muitos filhos dessa terra, jamais saíram do lugar que adotaram como seu.

Dona Lia, a senhora que sorri na varanda da sua casa, é a matriarca de Banco da Vitória e sua linda e emocionante história deve ser sempre lembrada para que possamos perpetuar seu legado.

Por certo, sem Dona Lia, a comunidade de Banco da Vitória teria rumado por outros caminhos. Estes caminhos teriam sido muitos diferentes dos nossos.

Vamos conhecer agora um pouco da história dos Oliveira e Araújo, com ênfase na vida de Dona Lia.

Dona Lia, nasceu em 11 de janeiro de 1927 numa pequenina localidade chamada Ilha das Flores, nas margens do Rio São Francisco, nas divisas dos estados de Alagoas e Sergipe. Foi registrada como Maria José Oliveira. Recebera o apelido de Lia ainda menina e assim é conhecida até hoje.

Seus pais eram Apolônio Rodrigues de Oliveira e Marcionilia Fragoso Oliveira, conhecida como Dona Menininha, - ambos trabalhadores incansáveis.

Na década seguinte ao nascimento de Dona Lia a seca forçou muitos nordestinos a migrarem. Seu Apolônio e Dona Menininha foram morar em Garanhuns (PE). Em junho de 1939 o casal e sua filha única desembarcaram em Ilhéus. Indo morar inicialmente na Avenida Itabuna. A menina Lia tinha quase 12 anos de idade quando conheceu a Mata Atlântica e viu o fruto do cacau pela primeira vez. Ficou encantada com o aroma do cacau. Ela ainda não sabia, mas o fruto de ouro iria influenciar significativamente na sua história.



Em 01 de janeiro de 1940, Seu Apolônio e sua família foram morar na Fazenda Vitória. Ali ele alugou uma casa e foi trabalhar numa das olarias de Banco da Vitória, onde fazia tijolos. Pouco tempo depois seu Apolônio foi trabalhar no engenho de açúcar da fazenda Vitória. Junto com o senhor Clarindo eles fabricavam a famosa aguardente Cana de Ilhéus.

Foi no engenho de Clarindo que seu Apolônio conheceu o jovem Joaquim Araújo, que era motorista do caminhão da empresa - chamado "Sou de Deus" - que transportava a aguardente Cana de Ilhéus - por todo o sul da Bahia e o norte de Minas Gerais.

Em 1942 seu Apolônio e Dona Menininha que eram já casados no civil, casaram-se religiosamente na antiga igreja católica do povoado que ficava localizada na atual Praça da Quadra de Esportes da Rua Dois de Julho. Essa igreja funcionava num imóvel de um cidadão chamado Seu Nicolau, amigo de seu Apolônio.

Nesta época eclodiu a segunda Guerra Mundial e o engenho da fazenda Vitória foi obrigado a produzir exclusivamente açúcar para abastecer as tropas brasileiras que lutavam em solos italianos.

Naquela época muitos jovens de Banco da Vitória foram recrutados como "pracinhas" e foram defender o legado da liberdade que se defendia na segunda Guerra Mundial.

Devido a guerra, havia escassez de produtos na região de Ilhéus. Por conta disso seu Apolônio começou a comprar mercadorias em Jequié e revendê-las na sua casa, onde se instalou uma "vendinha".

Logo o negócio prosperou e no ano de 1943 os Oliveira se mudaram para a rua Dois de Julho. Foram morar e trabalhar ao lado da casa da Professora Isaura, (bem em frente a atual casa do saudoso Zé Bolão).

Em 1949 seu Apolônio comprou um terreno na Praça Guilherme Xavier e ali construiu um armazém para comercializar diversos produtos, uma bela casa de moradia e um grande depósito de mercadorias. É nessa casa que Dona Lia vive até hoje.

Obra de domínio público. Distribuição Gratuita. Todos os direitos reservados.

Dizem que por trás de um grande homem sempre há uma grande mulher. No caso de seu Apolônio, não havia uma grande mulher, mas sim uma mulher gigante. Sua esposa Dona Menininha era uma trabalhadora nata. Sertaneja arretada e desenvolta, cuidava da casa, do comércio, da família e ainda fazia bolos, canjicas, licores e doces que eram vendidos em diversas localidades do estado da Bahia e norte de Minas Gerais.

Em 1952, com a abertura da nova estrada entre Ilhéus e Itabuna, os Oliveira viram os seus negócios prosperarem devido ao grande fluxo de trabalhadores que essa obra trouxe para a região de Banco da Vitória.

Devido sua agudeza mercantil, seu Apolônio comprou um novo terreno nas margens da nova Rodovia e ali construiu uma das lojas mais completas do município de Ilhéus, na década de 50. Este estabelecimento comercial ficava localizado aonde hoje existe uma loja de material de construção entre as esquinas da Rodovia Jorge Amado e a Rua da Palha, - bem no início da Rua dos Artistas.

Após a inauguração da nova rodovia Ilhéus Itabuna, seu Apolônio transferiu parte do seu comércio para o novo endereço. A nova loja vendia de tudo e se chamava Loja de Dona Lia. Ali encontravam-se de roupas a móveis. De bugigangas a perfumes. De alimentos até armas de fogo. Não havia em toda rodovia Ilhéus – Vitória da Conquista, uma loja igual à dos Oliveira.

A história de Dona Lia e seu Joaquim começara em 1945, quando o mulato nascido em Brotas de Macaúbas (BA) região da Chapada Diamantina, veio trabalhar no alambique do senhor Clarindo e conheceu seu Apolônio e sua família. O jovem Joaquim era muito esforçado, trabalhador e principalmente inteligente. No alambique ele fazia de tudo. Atuava na raspagem da cana, nas descargas e cargas de mercadorias, no engarrafamento da aguardente, dirigia o caminhão da empresa e era o vendedor e distribuidor da cachaça por todo sul da Bahia.

Seu Apolônio, que não tinha filhos, tratava o jovem Joaquim como um dos seus parentes mais queridos e vendo o esforço do jovem trabalhador, ele comprou um caminhão e deu-lhe para trabalhar transportando pessoas para o Rio de Janeiro e São Paulo (famoso Pau-de-arara) pela nova rodovia Rio Bahia. Do sudeste do Brasil Joaquim trazia mercadorias para serem vendidas nas lojas de Ilhéus e Itabuna. Nesta lida o jovem e esforçado Joaquim prosperou.

Mas Joaquim, também conhecido como Quincas, já estava de bituca para a cima da bela e jovem Lia há muito tempo e dentro do seu coração trabalhador o amor azeitava-se com o carinho especial que a filha única de seu Apolônio lhe propiciava.

A jovem Lia era naquela época uma das moças mais bonita e inteligente do povoado de Banco da Vitória. Ela era prendada, muito comunicativa e cativante, sabia

cortar e costurar roupas, cozinhava muito bem, sabia também escrever com máquina datilográfica e era uma católica ativa, atuando principalmente na catequese infantil e na educação de adultos. Lia era também oradora da igreja católica, durante os sermões dominicais. A jovem Lia Oliveira tinha também uma qualidade excepcional: sabia se comunicar fluentemente e com desenvoltura com qualquer pessoa, seja essa uma alta autoridade ou um simples retirante ou trabalhador rural. A jovem Lia era esbelta e de porte atlético. Não era alta, mais tinha quase a mesma altura do seu pai, pouco mais que 1,6 metros. Todavia, era mais alta que sua mãe. Seu rosto era arredondado e resplandecente. Vivia sempre com um sorriso espontâneo nos seus lábios finos. A pele era fina e branca. Os olhos eram castanhos claros e ligeiros. A cabeleira era farta e em tons de marrom escuro. Os braços eram ágeis e estavam sempre prontos para ajudar as pessoas, indiferentes das suas classes sociais.

Já o jovem Joaquim era de porte alto, pouco mais que 1,8 metro de altura. Era um mulato clareado, tipo caboco verde, de olhos escuros e miúdos e cabelos quase lisos. O nariz arredondado indicava sua origem africana. Joaquim tinha o corpo forte e acostumado a labuta nos trabalhos pesados. Os braços e as pernas eram compridos e firmes. As mãos eram grandes e fortes. Seu rosto era de sorrisos fáceis. Ele gostava de contar histórias relacionadas as suas andanças de caminhão pelo Brasil afora. Era um exímio dançarino. Adorava também jogar futebol, mas não tinha muita desenvoltura para este esporte. A sua maior qualidade era, por certo, a facilidade de fazer amizades duradouras. Em Banco da Vitória, dizia-se por todos os cantos: - quem não é amigo de Joaquim Araújo, bom sujeito não é. A assertiva era verdadeira.

O jovem Joaquim era tímido e apesar do respeito que nutria pelo velho Apolônio, sabia que não seria fácil ganhar o coração da jovem e cobiçada Lia.

Todavia, mesmo diante de sua timidez, Joaquim não sabia que Seu Apolônio e Dona Menininha tinham grande apreço por ele e já tinham secretamente escolhido ele para ser o marido da sua filha amada. Bastava somente a iniciativa do jovem trabalhador.

Um dia, nos festejos de São João, o jovem Joaquim pegou dois pedaços de canjicas, beijou-os escondidos e ofertou um pedaço a Lia e comeu o outro. Neste ato, a jovem Lia descobriu por fim, o que já achava que sabia: Quincas era apaixonado por ela.

Dias depois com as pernas bambas e a voz trêmula Joaquim foi pedir a mão de Lia em namoro. Recebeu um beijo na testa e um delicioso sim de dona Menininha e um abraço apertado de seu Apolônio, que sussurrou no seu ouvido: - você foi enviado por

Deus. Agora é um dos meus. Seja bem-vindo aos Oliveira e honre o nome da minha filha.

O jovem Joaquim sentiu naquele abraço forte e amoroso o jeito e o cheiro de seu velho pai que tinha ficado nas bandas da Chapada Diamantina. E sem saber o que fazer ou dizer diante do seu Apolônio, pronunciava apenas as palavras sim, sim, sim e sim...

Diante do nervosismo de Joaquim, seu Apolônio disse: - Toma um licor de jenipapo para sustentar as pernas, cabra! – Brincou e concluiu sorridentemente: – Agora é trabalhar dobrado para arrumara a casa. A festa do casamento é por minha conta.



Seu Joaquim ainda não sabia, mas naquele dia ele acertou sozinho a mega sena do amor. A jovem Lia, iria ser a melhor esposa do mundo e dela ele iria se orgulhar até os seus últimos dias de vida.

O casamento de Joaquim e Lia ocorreu em 15 de março de 1950 e a festa durou dois dias. A comunidade de Banco da Vitória estava presente em peso. Das cidades de Ilhéus, Itabuna, Itapetinga, Camacã, Buerarema e até da capital do estado da Bahia, vieram convidados e autoridades. A banda musical tocou na Praça pois na casa do pai da noiva não cabia mais ninguém. A alegria foi geral. Afinal, um jovem trabalhador e de origem humilde casava-se com a filha de um casal mais próspero da comunidade de Banco da Vitória, quiçá do interior de Ilhéus.

Após o casamento o casal Joaquim e Lia começaram a viajar para o sul do Brasil e de lá traziam produtos e novidades para serem comercializados em Banco da Vitória e Ilhéus. Em pouco tempo eles prosperaram. O tino comercial herdado de seu Apolônio fez de Dona Lia uma grande negociante e, aportada pela excepcional vontade de trabalhar e vencer na vida que tinha seu marido Joaquim, o casal logo se destacou e pode contribuir para o desenvolvimento da antiga vila de Banco da Vitória.

Joaquim e Dona Lia tiveram 5 filhos, sendo que o primeiro chamado Raimundo Jorge morreu ainda recém-nascido. Depois vieram Eduardo, Edvaldo, Jorge José e por fim Tânia. Além desses filhos consanguíneos, o casal adotou o jovem Ivo, um crioulo alto, alegre e inteligente que nascera no bairro da Conquista em Ilhéus.

Mas na casa de Dona Lia conviviam também outras crianças e jovens da comunidade como Aparecida e Jorgina, (filhas de Seu Zé Lavigne e Dona Alice), Fiinha (Filha de Faustino cabelereiro), Teco e Bira, (filhos de Cabo Jonas e Dona Deth), entre outros.

Seu Apolônio e Dona Menininha tinham grandes vontades de realizar ações sociais na comunidade de Banco da Vitória e devido aos contatos políticos em Ilhéus, o casal conseguiu que a prefeitura de Ilhéus implantasse uma feira na Praça Guilherme Xavier. Neste intuito foi construído o Barracão, onde eram comercializados os produtos da feira da localidade. Neste mesmo período foi também construído um chafariz público que ficava nas imediações da atual frente do clube social. Este chafariz chama-se Gomador, devido seu formato imitar um antigo ferro de passar roupas.

Com a entrada do casal Joaquim e Dona Lia na cena social de Banco da Vitória a comunidade evoluiu de forma surpreendente em todos os aspectos.

Devido a desenvoltura deste casal de comerciantes para exercitar a cidadania foram criados fundos financeiros participativos para a construir a Igreja Católica da comunidade. O terreno da igreja foi comprado pela prefeitura de Ilhéus (governo Herval Soledade) e doado a cúria diocesana de Ilhéus. Para a construção da igreja foi concebida a Sociedade de Melhoramentos de Banco da Vitória no terreno doado por Hugo Kaufmann e construído com ajuda da maioria dos moradores da comunidade que doaram sacos de cimento, blocos, tijolos, telhas e madeiras para a construção do prédio. O prédio do Clube Social foi erguido em regime de mutirão.



A Sociedade de Melhoramentos de Banco da Vitória foi criada em 1955 por iniciativa de Seu Joaquim, Dona Lia, Dona Enaura, Apolônio Oliveira, Juracy Xavier (primeiro presidente) Zeca Serafim, Oliveira Nunes, Raulindo Raposo, Nelson Fontes, Péricles de Melo, Zé Melo, Milton Melo, Nestor Pereira, Seu Lindotti, Seu Lima, José Reis, Moisés, Seu Júlio, Carlos Cardoso, Josias Xavier, Xisto Gomes, Afrísio, Elieser, Antônio Isaias, Tenente Alcântara, João Rodrigues, Nafital Souza, seu Apulco (então delegado da localidade), Raimundo Ribeiro entre outros moradores.

Quando a Sociedade de Melhoramentos de Banco da Vitória completou dois anos ela tinha mais de 500 associados que contribuíam mensalmente com recursos financeiros e promoviam festas e bailes para angariar fundos para a

construção da igreja católica, que aconteceu em 25 de março de 1968.

A diocese de Ilhéus, através dos freis Domingos e Thiago, coordenaram as obras da Igreja católica da localidade. Depois desse feito, através de financiamento da Caritas Diocesana de Ilhéus e aval de dona Lia e seu Joaquim, foram construídas dezenas de casas no Alto da Bela Vista, que foram depois sorteadas para os moradores mais humildes da comunidade.

Na Sociedade de Melhoramentos de Banco da Vitória o casal Joaquim e Lia criaram festas e bailes memoráveis, onde orquestras e bandas das cidades de Ilhéus, Itabuna, Itajuípe e Valença vinham animar a sociedade local. Dona Lia criou a Festa da Primavera, A festa dos Radialistas, Rainha do Milho e o famoso baile de Carnaval, onde os participantes usavam máscaras e fantasias.

Na década de setenta a casa do casal se transformou em anteposto de ajuda comunitária onde eram distribuídos alimentos, remédios e roupas doados pelos estrangeiros que mantinham as Caritas Diocesana de Ilhéus.

Sobre a orientação de Dona Lia se implantou no Clube Social uma unidade do Mobral (programa de alfabetização de adultos), uma escola infantil pública, posto de saúde dos SESP (para combater a tuberculose) e, por fim, um cinema, que durou por mais de 20 anos.

Além das festas, Dona Lia promovia viagens e excursões para diversos lugares como Bom Jesus da Lapa (BA), Fortaleza (Ceará), Crato (Ceará), Juazeiro (BA), Feira de Santana (BA), Salvador (BA) e interior de Sergipe.

No início da década de oitenta do século passado o casal Joaquim e Lia promoveram um dos melhores investimentos da localidade de Banco da Vitória construindo casas de aluguel a preços populares. Dessa forma, muita gente que se casava em nossa localidade podia morar numa casa decente e principalmente com aluguel barato, enquanto juntava o dinheiro para construir o seu lar. Dessa forma, o casal em voga, também contribuiu para os matrimônios de muita gente da nossa comunidade.

Na década de oitenta morreram os pais de Dona Lia. Primeiro faleceu dona Menininha e depois, em 9 de março de 1984, aos 81 anos de idade, faleceu seu Apolônio. Ambos foram sepultados em Banco da Vitória.



Nesta época seu Joaquim tinha um automóvel do tipo rural que vivia mais socorrendo o povo de Banco da Vitória, levando-os para hospitais e maternidades, do que uso pessoal. O casal até perdeu a conta de quantas crianças nasceram dentro deste veículo.

É bom também citar que afilhados o casal tinha mais de 50 e já beiravam 100 casamentos onde eles tinham sido testemunhas oficiais.

O casal Joaquim e Lia gostava de promover ações sociais e por conta disso patrocinavam os festejos de São João na localidade. Nestes eventos ele doavam tecidos para as roupas dos participantes das quadrilhas juninas comandadas por Nestor Pereira e Seu

Diva. Doavam também aguardente para os dançarinos e refrigerantes para as moças. No dia das Crianças, o casal distribuía presentes e doces para a criançada. Nas sexta-feira santa distribuía peixes para os moradores mais carentes.

Uma coisa que chamava a atenção do povo de Banco da Vitória era o amor incondicional do casal Joaquim e Dona Lia. Eles estavam sempre juntos e festivos. Andavam sempre de mãos dadas e prontos para notórios carinhos. Nas festas eles dançavam apaixonadamente lindos e no dia a dia um cuidava do outro como quem toma conta de uma joia rara. E assim eles eram.

Dona Lia sempre foi uma mulher ativa, enérgica e de temperamento forte. Mas diante da candura do marido Joaquim, ela se tornava o mais puro dos méis e adoça a vida inteira da sua família e amigos.

Enquanto muitas pessoas ganharam muito dinheiro em Banco da Vitória e depois foram embora da localidade, indo morar em cidades como Ilhéus, Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro, dona Lia e seu Joaquim fizeram exatamente o contrário. Investiram em Banco da Vitória tudo que ali ganharam. Ele contribuíram como ninguém para o desenvolvimento social e econômico da nossa comunidade e nenhum casal ou pessoa fez mais pelo Banco da Vitória do que esses dois retirantes nordestinos que saíram das suas terras natais e vieram para a nossa comunidade com uma missão mais que especial: - amar incondicionalmente a nossa gente.

Obra de domínio público. Distribuição Gratuita. Todos os direitos reservados.

www.bancodavitoria.com.br 2016©

Seu Joaquim dizia que só gostava de viver em Banco da Vitória e que não tinha vontade de viver em nenhum outro lugar. Um dia ele comprou uma roça na região do Japu. Foi algumas vezes à propriedade. Quem realmente tomava conta das plantações era seu amigo Domingos e seu filho Edvaldo Araújo. Quincas dizia que não dormiu na propriedade mais que dez vezes e que só dormia bem em Banco da Vitória.

Seu Joaquim nascera com um “sinal de nascença” de cor levemente avermelhado que cobria parte o peito esquerdo, parte do pescoço e a cabeça. Era uma simples mancha de pele que com o passar dos anos foi escurecendo e cobrindo parte do seu rosto. Necessitando, portanto, de diversas intervenções cirúrgicas e operações plásticas. Mas nada disso tirou o brilho e a alegria de viver do velho Quincas, que também tinha com hobby dominical fazer comidas típicas da sua terra natal, a distante Chapada Diamantina, que visitou diversas vezes..

No dia 30 de dezembro de 2009 Joaquim faleceu em Banco da Vitória. Tinha 87 anos de idade e foi feliz por toda vida. Atendendo seu pedido foi enterrado no cemitério de Banco da Vitória, numa cova ao lado da sepultura de seu Apolônio, seu melhor amigo, seu verdadeiro pai.



Até hoje lembro-me das pessoas na porta da casa de seu Joaquim e dona Lia vendo a televisão que mostrava os jogos da copa do mundo de futebol. As noites, o casal abria as portas e janelas da sua sala ampla para as pessoas assistirem as novelas da TV Globo. Enquanto alguns moradores da comunidade fechavam as janelas das suas casas nestes horários, o casal Araújo abria as suas e propiciavam ao povo o acesso a televisão, que era item de luxo naquela época.

Nas tardes dos sábados a casa de dona Lia era invadida pela criançada local para assistir as aventuras de Tarzan. Aos domingos, as tardes, Seu Joaquim vestia suas melhores roupas e sapatos, usava seus melhores perfumes e ia assistir as partidas de futebol no campo da localidade. Torcia para o time Ypiranga, comando por seu amigo Zeca Serafim. No campo de futebol

Joaquim se divertia, sorria com os amigos e antes de ir para casa bebia duas cervejas geladas e voltava para casa, onde Dona Lia e seus filhos amorosamente o esperava. Mas tarde, a família inteira ia a missa dominical.

Dona Lia continua sendo uma religiosa praticante. É evangélica ativa.

Dona Lia nunca me disse, mas eu acho que ela gosta tanto de ficar olhando suas mãos, pois imagina que o seu amado Joaquim ainda as acaricia carinhosamente. Acaricia-as do mesmo jeito, como acariciou-as na primeira vez que a tocou e fez isso por toda uma vida de amor, lealdade e cumplicidade.



A bela senhora que mora na casa de número 17 na Praça Guilherme Xavier em Banco da Vitória é uma pessoa feliz e realizada. Feliz por ter sido uma filha amada e admirada, por ter encontrado o melhor amor do mundo, por ter sido uma mãe exemplar, por ter lindos, sadios e inteligentes filhos, netos e bisnetos. Realizada porque Deus lhe deu a comunidade de Banco da Vitória para ela cuidar com afinco e jamais abandona-la.

Amar o Banco da Vitória, Dona Lia sempre soube fazer como ninguém. Pois ninguém ama mais a nossa comunidade do que esse bela e carismática senhora. Eu tenho certeza disso. O nosso povo também assevera essa afirmativa.

Por tudo que fizeste e faz por nossa comunidade, em nome do meu povo e das nossas gerações passadas e vindouras, eu digo: - Muito Obrigado Dona Maria José Oliveira Araújo. Muito obrigado Dona Lia de Banco da Vitória. Jamais esqueceremos da senhora e de seu amado marido Joaquim. Juntos vocês transformaram toda nossa comunidade e seus legados serão para sempre lembrados pelo nosso povo.

Ainda bem que Deus guiou para o Banco da Vitoria o casal Apolônio e Menininha e sua filha Lia. Como sempre, o Pai Celestial sabe muito bem o que faz. Ele nos

Obra de domínio público. Distribuição Gratuita. Todos os direitos reservados.

Dona Lia, a Matriarca de Banco da Vitória.

presenteou com um dos melhores seres humanos do mundo, que é Dona Lia Araújo. O povo de Banco da Vitória agradece de coração.

A Dona Lia desejamos saúde, paz e longos anos de vida.

Vamos gritar uníssonos: - Viva Dona Lia de Banco da Vitória. Viva o Banco da Vitória de tanta gente boa, trabalhadora e feliz.

Roberto Carlos Rodrigues.

Banco da Vitória, 29 de março de 2016.

Anexo: Joaquim Rodrigues Araújo, o Quincas de Banco da Vitória.

Por Roberto Carlos Rodrigues.



Acabei de escrever um livreto em homenagem a Dona Lia Araújo. A matriarca de Banco da Vitória. Em breve este livreto estará disponível para download gratuito no nosso site e uma versão impressa será distribuída para a família dos Araújo. A história de Dona Lia se confunde com a história mais recente da nossa comunidade. Ela e seu marido Joaquim foram uns dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento econômico e social do Banco da Vitória a partir dos anos 50 do século passado e deveriam ser homenageados em nossa comunidade. Com a publicação deste livreto pretendo fazer a minha parte nesta homenagem mais que oportuna. Mas a atual comunidade de Banco da Vitória devia fazer uma grande homenagem a nossa dona Lia, que mora na casa de número 17, na Praça Guilherme Xavier. Temos neste endereço uma verdadeira lenda viva da nossa comunidade. Fica a sugestão.




Quando das pesquisas para elaboração do livro sobre a história de Dona Lia, tive, obviamente, de pesquisar também sobre seu amado marido, o grande Quincas, e fiquei deveras emocionado quando lembrei dessa magnífica pessoa humana que era Joaquim Rodrigues Araújo.

Só para vocês terem uma ideia do porte e do valor da personalidade de seu Joaquim, em Banco da Vitória dizia-se por todos os cantos: - quem não é amigo de

Joaquim Araújo, bom sujeito não é.

Portanto, o saudoso Joaquim Rodrigues Araújo, o Quincas de Banco da Vitória, não era somente o grande amor de dona Lia e seus filhos. Era também o amado e mais querido pai adotivo de toda nossa gente.

Eduardo, Edvaldo, Jorge, Tânia e (Ivo, em memória), vocês estão de parabéns. Pois um pai melhor que Quincas não tem em nenhum lugar do mundo e uma mãe igual a dona Lia não há em nenhum lugar do universo.

<p>Tânia, Dona Lia e Eduardo</p>  A photograph of three people standing together indoors. On the left is a woman in a black lace dress, in the middle is an elderly woman in a blue top, and on the right is a man in a white striped polo shirt.	<p>Joaqui Araújo</p>  A portrait of an elderly man with glasses, wearing a red short-sleeved shirt and light-colored pants, sitting at a table.	<p>Jorge Araujo</p>  A full-body photograph of a man in a light-colored dress shirt, a striped tie, and dark trousers, standing on a paved walkway outdoors.
<p>Joaquim e Eduardo</p>  A photograph of two men. The man on the left is older, with glasses and a striped shirt. The man on the right is younger, wearing a yellow polo shirt, with his arm around the older man's shoulder.	<p>Edvaldo Araujo e sua filha</p>  A photograph of a man in a black and white striped polo shirt standing next to a young woman in a floral dress, both smiling.	
<p>Roberto e Dona Lia</p>  A photograph of a man and an elderly woman sitting at a table with a light blue tablecloth. The man is holding a microphone, and there is a bowl of pink candies on the table.	<p>Dona Lia e Tânia</p>  A photograph of an elderly woman and a younger woman sitting on white plastic chairs. The elderly woman is wearing a brown top and pants, and the younger woman is wearing a patterned top and white pants.	